

Déficit já não é prioridade

BRASÍLIA — Na batalha que o governo está travando para combater o fantasma da hiperinflação e manter a economia sob controle até as próximas eleições, o déficit público deste ano — até agora estimado entre 5% e 6% do PIB — deixou de ser prioritário. "Nem estamos mais olhando mais para isso", afirmou ontem o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, ao fazer um balanço das reuniões que vêm mantendo com empresários para fornecer informações sobre o desempenho das contas públicas. Segundo ele, os encontros estão apresentando resultados positivos e poderão ser estendidos a classe trabalhadora, sob a coordenação da ministra do Trabalho, Dorothea Werneck.

Mailson da Nóbrega disse que o governo ainda não sabe se poderá manter a inflação estabilizada entre 25% e 26% nos próximos meses, porque poderá ocorrer algum acidente de percurso, um choque externo ou o exarcamento de demanda salarial. Para ele, o ideal é que ocorresse um grande acordo político que permitisse um forte ajuste fiscal, para afastar de vez o fantasma da desorganização da economia. "Na ausência desse acordo estamos lutando com outros critérios", salientando os saldos positivos que o governo tem colhido com as reuniões com a classe empresarial. "Não penduramos a chuteira, estamos trabalhando e vamos continuar assim até entregar o governo ao próximo presidente".

Sobre o controle do déficit público, sempre colocado como uma prioridade pelo governo, Mailson disse que nada indica que se esteja caminhando para a explosão, porque dados preliminares apontam para um resultado de 0,13% do PIB no primeiro trimestre. Mas fez uma ressalva: "Se aumentar o déficit público por o preço que teremos de pagar para manter a economia sob controle, isso será feito. Nem estamos mais olhando para isso", afirmou, salientando que "estamos observando é o com-



Mailson da Nóbrega

portamento dos agregados monetários (emissão de moeda e meios de pagamento), que estão indo muito bem". Segundo ele, a base monetária cresceu menos de 1% até o dia 19 deste mês, em função das altas taxas de juros.

Dívida — O ministro faz um balanço das reuniões que têm mantido com os empresários e reafirmou que os serviços da dívida externa só serão pagos quando as reservas cambiais — que hoje estão acima de US\$ 6 bilhões — atingirem um nível satisfatório. Mailson da Nóbrega disse que muitos técnicos de empresas já estiveram no ministério, após a realização das últimas reuniões e conferiram que os dados apresentados pelo governo sobre as contas públicas são verdadeiros, segundo a orientação de só gastar o que arrecadar.

Segundo Mailson, o governo não está buscando o otimismo dos empresários, enfatizando que os representantes da iniciativa privada estão sendo chamados para receber informações. "Queremos ouvir críticas e sugestões, divulgar informações, debatê-las e continuar exercitando esse diálogo para conduzirmos esse barco até a entrega ao novo governo", afirmou. O ministro fez ainda questão de salientar que não há um índice preciso de inflação com o qual a área econômica esteja trabalhando. "Não existe essa precisão, nosso objetivo é manter a economia sob controle", observou, após lembrar que a economia brasileira criou mecanismos de convivência com índices elevados de inflação, e consegue funcionar mesmo assim. Isso não quer dizer, no entanto, que o governo desistiu de controlar a inflação. "Queremos dizer que um índice de 30% não significa que estejamos em processo de hiperinflação".

O ministro da Fazenda afirmou que as reuniões com os representantes da iniciativa privada continuarão sendo feitas. Vai também conversar com economistas, mas não quis adiantar nomes. Informou ainda que as conversas aconteceram porque este era o momento oportuno, de desenvolver uma confraternização para dissipar as dúvidas que começaram a se apoderar do mercado com boatos de hiperinflação.